

A QUESTÃO DA LIBERDADE NA OBRA DE JEAN PAUL SARTRE

POGETTI, Neusa.
R.U. 949984

BONFIM, Lucília. M.G.A.
Professora Orientadora

RESUMO

O homem nasce livre para estabelecer suas escolhas. Diante disso se questiona: Como o homem opera em suas escolhas em-si e para-si? A justificativa se dá ao buscar refletir o quanto o ser humano tem conseguido ao longo de sua história fazer suas escolhas, sejam elas profissionais, amorosas e políticas, com responsabilidades dentro da sociedade em que vive. Pesquisar sobre a liberdade e as escolhas com responsabilidade se faz cada vez mais necessário, e a dificuldade de conciliar a liberdade individual e a liberdade do outro se dá, segundo Sartre, porque o homem está condenado a ser livre. Tendo como objetivo analisar os fatores que levaram os homens a fazerem suas escolhas no âmbito pessoal e geral, apresentar como o homem lida com o conceito de existência e essência. Metodologicamente o artigo é de natureza bibliográfica acerca da temática sobre a questão da liberdade em Jean-Paul Sartre. A pesquisa, sendo de cunho teórico, está pautada em uma abordagem qualitativa, construída a partir de teóricos como Isaque Jose Bueno, Luiz Anderson Moraes Diaz e outros.

Palavras-chave: Escolha; Liberdade; Em-si; Para-si; Existencialismo.

INTRODUÇÃO

Estudar Jean-Paul Sartre em sua abordagem de liberdade ajuda a atender como uma filosofia de ação, que se reflete sobre a sociedade em que se vive. Dentro da visão filosófica de Sartre busca-se uma reflexão, trazendo-a para os dias atuais e os conflitos da existência humana. Pesquisar sobre a liberdade e as escolhas com responsabilidade se faz cada vez mais presente, e a dificuldade de conciliar a liberdade individual e a liberdade do outro, uma vez que o homem estando condenado a ser livre, e por ser livre faz suas próprias escolhas mas enfrenta, simultaneamente, a liberdade do outro. Não basta analisar se as escolhas o faz ser um ser ético e, se é capaz de responsabilizar-se por tais escolhas.

No estudo da filosofia de Sartre, o conceito de liberdade está associado à solidão, responsabilidade, conhecimento e escolha, de modo a entender as escolhas que a todo o momento tem que ser fazer como ser humano e, diante destas condições, caberá a cada homem estabelecer, através de suas ações concretas, meios que servirão para a tomada de suas decisões.

O artigo tem o objetivo de analisar os fatores que levam o ser humano à suas escolhas frente à suas ações, e também, demonstrar, na visão de Jean Paul Sartre, a questão da liberdade em relação a outros autores.

No primeiro tópico apresenta-se a vida de Sartre e como ele introduz a doutrina da ação, assim como o existencialismo, que tem sido tema de várias linhas filosóficas.

No tópico seguinte as questões que envolvem o Ser em-si, o Ser para-si e a temática sobre o 'Ser nada', aspectos que torna o homem uma infinidade de possibilidades, o que decorre a angustia, pois o homem percebe que não está preparado para o que lhe foi reservado, aparecendo então o sentimento de angustia e conflito.

Por fim, demonstra-se como foi realizado a pesquisa, os objetivos alcançados e a conclusão acerca do pensamento sartreano. Metodologicamente o estudo foi de cunho teórico.

UMA VISÃO TEORICA SOBRE A VIDA E A QUESTÃO DA LIBERDADE NA OBRA DE JEAN PAUL SARTRE

Jean-Paul Sartre francês, foi um filósofo do século XX, contemporâneo incorporando uma figura intelectual em sua época. No ano de 2005. No cenário do mundo no qual a Para-si engendra a sua liberdade. O mundo com todas as suas diversidades e meios não são um limitador de sua liberdade, a partir da escolha que ele faz e o sentido que dá ao mundo, que as coisas vem à tona, assim como um rochedo pode ser um obstáculo, como também pode ser um local de escala e apreciar sua paisagem. Ambas as respostas só podem ocorrer e manifestar-se no mundo a partir de sua liberdade, ou seja, a partir de uma projeção diante do mundo. Jean afirma que a liberdade e a situação estão intimamente ligadas, e ainda afirma que só há uma situação partir do momento que a liberdade direciona a possíveis resultados em seu projeto existencial. (SILVA, 2010)

Sartre em sua obra *O existencialismo é um Humanismo* defende a doutrina da ação. O homem elabora sua existência através da escolha se responsabilizando pelo seu próprio projeto de ser.

A partir do momento em que o pensador francês defende em *O Ser e o Nada* que o homem é liberdade e que é responsável pelo projeto existencial por ele escolhido, sua filosofia irá desembocar na seara da ação. Embora o contexto histórico do pós-guerra tenha direcionado o pensamento de Sartre para as questões políticas, não iremos tomá-lo aqui como argumento para definir a filosofia sartreana como uma filosofia da ação²¹. Ao contrário, defendemos aqui que a filosofia sartreana sempre trouxe consigo o pressuposto da ação do homem no mundo a fim de criar seu próprio modo de ser. O pós-guerra representa somente a situação ante a qual Sartre irá afirmar suas convicções filosóficas. O engajamento político de Sartre após o término da segunda guerra assinala apenas as circunstâncias históricas sob as quais o filósofo irá “pôr em prática” os princípios de sua filosofia. (SILVA, 2010, p.25)

O existencialismo tem sido tema de várias linhas filosóficas onde se trata do indivíduo, suas escolhas e o os absurdos da vida humana quando se retrata da compreensão do universo.

Na história da filosofia tivemos vários pensadores que tentaram fazer a distinção entre a essência, por exemplo: ‘Aristóteles, filósofo grego que viveu no século IV a. C, ensinou que a essência é aquilo que define ou forma as características fundamentais de um ser (...) essência é o que faz uma coisa seja o que é e não outra coisa qualquer. (ALMEIDA, 2007, p.07)

O desejo de Sartre em seus escritos, fez com que ele se envolvesse na literatura escrevendo assim *A Náusea*, obra está que o fez ser reconhecido no mundo literário. Para Sartre o ser humano não é dotado de um modelo pré-determinado de sua essência, a essência de cada ser humano deve acontecer no decorrer de sua existência, Conforme Sartre (1987, p.06 e 07) “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo”, Sartre nascido em Paris, foi o primeiro filósofo identificado como existencialista, Com a morte de seu pai, Sartre muito criança ainda faz com que sua mãe Anne-Marie volte para a casa dos pais onde o menino Sartre é criado com muita atenção e cuidado pelo avô, que teve uma participação muito importante no desenvolvimento intelectual do pequeno,

A influência do avô na formação, do então escritor e filósofo, parece ter se dado em muitos aspectos mais de forma indireta. Ou seja, não necessariamente pela intenção objetiva o avô, mas, mais pelo clima literário que parece envolver a família Schweitzer. Em *As Palavras* podemos notar que não é somente o avô que influencia o pequeno Sartre, e, sua avó, Louise, também parece influenciá-lo de certa maneira, com seu exemplo de leitora assídua, ainda que na época, por influência do avô, Sartre relate não apreciar muito a preferência literária da avó. Ao falar sobre a avó e suas leituras ou idas à biblioteca podemos sentir um pouco do clima literário que parecia reinar na casa dos Schweitzer (DIAZ, 2014, p.18)

Para Sartre em relação a seu avô tem-se;

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No gabinete de meu avô, havia-os por toda parte [...]. No quarto da minha avó os livros ficavam deitados; tomava-os de empréstimo a uma biblioteca ambulante e nunca cheguei a ver mais do que dois ao mesmo tempo. [...] Toda sexta-feira, minha avó vestia-se para sair e dizia: “Vou devolvê-los”; de regresso, depois de desembaraçar-se do chapéu negro e do veuzinho, ela os tirava do regalo e eu me perguntava, mistificado: “Serão os mesmos?” Ela os “cobria” cuidadosamente e, após escolher um deles, instalava-se perto da janela, na sua bergère de orelheiras, punha os óculos, suspirava de aventura e lassitude, baixava as pálpebras com um fino sorriso voluptuoso que vim a encontrar depois nos lábios da Gioconda [...]. Todavia, eu não apreciava aquelas brochuras demasiado distintas, eram intrusas, e meu avô não escondia que elas eram objeto de um culto menor, exclusivamente feminino. (SARTRE, 2000, p.30-32).

A convivência de Sartre nos anos em que viveu com seu avô, o fez querer se tornar um escritor,

Eu quis começar na mesma hora as cerimônias de apropriação. Peguei os dois volumezinhos, cheirei-os, apalpei-os, abri-os negligentemente na “página certa”, fazendo-os estalar. Debalde: eu não tinha a sensação de possuí-los. Tentei sem maior êxito tratá-los como bonecas, acalentá-los, beijá-los, surrá-los. Quase em lágrimas, acabei por depô-los sobre os joelhos de minha mãe. Ela levantou os olhos de seu trabalho: “O que queres que eu te leia, querido? As Fadas?” Perguntei, incrédulo: “As Fadas estão aí dentro?”. A história me era familiar: minha mãe contava-a com frequência, quando me levava, interrompendo-se para 18 me friccionar com água-de-colônia [...] e eu ouvia distraidamente o relato bem conhecido; eu só tinha olhos para Anne-Marie, a moça de todas as minhas manhãs; eu só tinha ouvidos para a sua voz perturbada pela servidão [...] Durante todo o tempo em que falava, ficávamos a sós e clandestinos, longes dos homens, dos deuses e dos sacerdotes, duas corças no bosque, com outras corças, as Fadas. (SARTRE, 2000, p. 34)

Mesmo com todo este acesso que Sartre tinha com a literatura, com a biblioteca de seus avós maternos, não o deixou abandonar a literatura, mas a filosofia era sua vida, seus pensamentos, e dentro dos seus conceitos e técnicas demasiados, começaram a exigir dele um vocabulário mais filosófico.

Mas a ambição de Sartre não se restringia à produção literária. Por conta dos estudos de filosofia e psicologia acabará sendo levado a escrever também ensaios. Numa entrevista de 1938, depois da publicação de *A náusea*, declarou: “Desejaria exprimir minhas ideias apenas de uma forma bela – quero dizer, na obra de arte, romance ou novela. Mas me apercebi de que era impossível. Há coisas muito técnicas, que exigem um vocabulário puramente filosófico. Assim, me vi obrigado a duplicar, por assim dizer, cada romance de um ensaio. Dessa forma, ao mesmo tempo que *A náusea*, escrevi *A psique*, obra que logo aparecerá e que trata da psicologia do ponto

de vista fenomenológico”. (CONTAT E RYBALKKA Apud, MOUTINHO, 1995, p. 47).

Através de suas obras literárias percebe-se a que a filosofia já era intrínseca em sua vida, portanto, a filosofia e literatura se misturarem em seus escritos, fazendo com que se desempenhasse um impacto na sociedade, a respeito da obra de Sartre em a Busca da liberdade desafio da história, para Meszaros (2012, p.25):

Desde o início, a obra de Sartre caracterizou-se por um esforço consciente para combinar filosofia e literatura a fim de intensificar os poderes de persuasão e demonstração. [...] Ele resulta da convicção do autor de que, contra o poder dos mitos predominantes e dos interesses estabelecidos, a força da razão analítica é impotente: não se substitui uma realidade existente positiva (no sentido hegeliano), firmemente enraizada, pela mera negatividade de dissecação conceptual.

Sobre a questão da liberdade e existência, a análise se dá a partir da obra ‘A Náusea’, mesmo sendo um romance, esta obra abrange escritos para teatro com natureza filosófica, sendo estas obras de grande influência para a sociedade daquela época, que estava abalado com a segunda guerra. Para Diaz (2014, p.44) “Vale lembrar que o engajamento de cunho político-social e Sartre se dará de fato durante e após a Segunda Guerra” afim de alcançar vários aspectos a liberdade pode ser definida como a escolha que o homem faz de seu próprio ser.

Toda a consciência é consciência de algo, levando assim a uma ontologia fenomenológica em esclarecer a ambiguidade do ser, onde a necessidade desta ontologia se impõe, dando conta do entendimento do mundo, como correlato da consciência, de tal forma, que a consciência facilmente se omite de si mesma para beneficiar o mundo objetivado, convertendo suas valorizações em simples constatações em simples olhares determinando em si mesmos e possuidores por si mesmos um sentido que lhe são dados pela consciência. (LIMA, 2004)

O que Sartre chama de liberdade não se separa do ser do ser da realidade humana. A liberdade é poder da consciência de negar o ser e negar-se si mesmo, do homem livre só se pode captar o que tem sido, não o que será, onde a essência do ser humano se faz em sua liberdade, onde angustia o companha atuando sobre a situação, escolhendo-se e escolhendo livremente seu mundo, sem leis, nem critérios absolutos que posso constrange-lo, assim definindo esta questão de liberdade como, não somos livres para deixar de ser livres. (LIMA, 2004)

Partindo da perspectiva do conflito entre as consciências, Sartre irá analisar algumas condutas humanas, as quais ele denominará de relações concretas com o Outro. As condutas analisadas pelo filósofo são descritas como condutas de assimilação e condutas de apropriação. Na conduta de assimilação o Para-si tenta “perder-se” na subjetividade do outro. Para ilustrar tal tipo de conduta, o filósofo francês apresenta suas análises do amor e do masoquismo. Na experiência do amor, o par amante-amado tem por ideal “restringir” a subjetividade do outro no sentido de um “limitar” a consciência do outro. Para Sartre, é como se o par de amantes vivesse num mundo ideal onde um repousaria seguramente na consciência do outro. Para o par de amantes, o mundo inteiro estaria “reduzido” à consciência de um e de outro. Segundo o filósofo francês, o ideal do amor não pode ser atingido uma vez que, a qualquer momento, um dos amantes pode tomar seu par como um mero “objeto”, isto é, pode transcendê-lo e tomá-lo como um simples meio para seus fins. Ademais, basta um simples olhar de um terceiro para que o castelo seguro do enlace amoroso desmorone, pondo a nu a subjetividade dos enamorados. (SILVA, 2010, p.17)

A liberdade deve projetar as escolhas feita pelo ser humano e a partir delas o homem deve projetar seus valores, Para Sartre (1973, p.23) “ A escolha é possível num sentido, mas o que não é possível é não escolher”, a liberdade permite ao homem nadificar seu ser.

Em Sartre, a liberdade é precisamente o Ser da consciência: nela, o ser humano é o seu próprio passado — bem como o seu devir — sob a forma de nadificação. Sendo consciência de Ser (liberdade), há para o ser humano um determinado modo de situar-se frente ao passado e ao futuro como sendo e não sendo ambos ao mesmo tempo. A liberdade humana, da perspectiva sartreana, é a escolha irremediável de certos possíveis: o homem não é, mas faz-se. Não há futuro previsível e nem ao menos algumas cartas marcadas de antemão. Há, isso sim, o movimento através do qual o Ser do homem faz-se isso ou aquilo — escolhas que, por seu turno, serão feitas a partir de certas situações, jamais encerradas em algum tipo de determinismo. (YAZBEK, 2005, p. 142)

A liberdade permite ao homem nadificar o Ser, constituindo assim a razão da existência da consciência, confundindo com a forma de existir de sua própria realidade, onde todo o ato humano acontece de um princípio intencional, a intencionalidade é a tendência de estar sempre voltada para fora, e esta consciência é um nada que proporciona ao homem a capacidade de imaginar, de ir além da situação presente, assim, o homem ao agir intencionalmente premedita a ação, por ser livre, utilizando da razão que o faz diferente de outros animais. (SILVA, 2013)

O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar: agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda série e, para finalizar, produza um resultado previsto. Mas ainda não é isso que nos importa. Com efeito, convém observar, antes de tudo, uma ação é por princípio intencional. (SARTRE, 1998, p. 536).

Sobre as teorias de Sartre, o ser humano é obrigado a ser livre, sem determinismo e qualquer tentativa de determinismo é considerada má-fé, ou seja, não podendo determinar as decisões que o ser humano toma, tudo que acontece na vida vem do passado e das escolhas que se toma.

Contudo, o filósofo faz questão de assinalar que tais constatações não implicam qualquer determinismo: é verdade que o indivíduo é condicionado pelo meio social, mas é verdade também que ele se volta sobre esse mesmo meio, cada indivíduo reage a ela de forma única e individual. (BOECHAT, 2011, p.53)

A importância desta análise é refletir sobre a liberdade na sociedade atual, pensar nesta liberdade é pensar em resgatar a dimensão da responsabilidade do ser humano, buscar meios de entender a visão equivocada que se tem da liberdade, da responsabilidade e da ética, pois as três estabelecem relações com a sociedade em que vive. Assim, conforme Bueno (2007, p.09) “Para Jean Paul Sartre, o homem é absolutamente livre e responsável”, diante de tal fato, analisar a questão do homem como ser livre e como ele faz suas escolhas no seu âmbito pessoal, profissional e político, e como se dá esta relação da liberdade individual e a liberdade do outro, apontando assim possíveis limites que podem colocar em cheque esta liberdade.

Num primeiro momento, propor uma reflexão sobre a liberdade e a ética baseados em um autor existencialista pode soar como ultrapassado, porém, acreditamos que esse tema se revela, nos tempos atuais, extremamente instigante e desafiador, pois ao mesmo tempo em que os problemas atuais se mostram com roupagens novas, as respostas necessariamente não precisam seguir a mesma tendência já que, ao que nos parece, muitos dos problemas existenciais que o mundo contemporâneo enfrenta devem-se ao fato de termos esquecido o que significa ser livre e, consequentemente, responsável. Em nossos dias, estes dois termos se parecem contraditórios e não complementares, já que vivemos na sociedade onde praticamente tudo é permitido - “a sociedade da liberdade total”. Possivelmente, o homem nunca foi tão livre quanto é hoje, mas possivelmente o homem contemporâneo nunca esteve tão inseguro e perdido como se encontra atualmente. E é justamente a partir deste contexto de crise que o tema da liberdade e da ética, segundo a concepção sartreana, se torna relevantes... (BUENO, 2007, p.08)

Sendo o homem constitucionalmente livre, surge no mundo como liberdade e, com esta liberdade ele próprio irá criar, escolher o homem que deseja ser e construir assim um mundo que deseja viver. Quando afirma que a existência precede a essência, não significa uma escolha com responsabilidade pois requer uma escolha que vá além do âmbito individual e que abranja também uma esfera social, logo, o homem escolhe o homem que deseja ser e consequentemente o mundo que deseja

viver e isso aconteça de maneira ativa e não mais passiva, pois quando o homem faz escolhas, acaba interferindo e influenciando no mundo e automaticamente influencia em outras escolhas. (BUENO, 2007, P.20)

Assim, estão lançados os alicerces do existencialismo sartreano. O homem precisa existir sem desculpas e se, por acaso as encontrar, terá que saber que estas são fruto de sua própria escolha, portanto, estará agindo de má-fé. Porém, a existência humana é caracterizada pelo Para-si, que é uma busca constante do próprio ser Em-si, no entanto uma busca vã, porque o Para-si nunca coincidirá com o Em-si, por isso que falamos de má-fé, já que ela pretende que a existência do Para-si seja convertida a modalidade do Em-si. “Podemos julgar um homem dizendo que ele tem má fé....

Desta maneira, ao nos perguntarmos sobre o sentido da vida, sobre o porquê da nossa existência, não temos como responder, pois ele se nos dá de maneira gratuita, no entanto a busca por algum sentido é natural no homem. Para nosso autor não existe sentido, há somente a existência. (BUENO, 2007, p.22)

Pensar atualmente no mundo através da visão filosófica de Sartre em seus mais diferentes aspectos é fundamental para se entender a questão de liberdade no homem como ser livre que constrói uma teia de relações sociais, as quais em muitos momentos se tornam barreiras a sua liberdade, descobrir o que motiva este ser humano absolutamente livre a manter relações comunitárias respeitando as leis e as tradições do mundo globalizado, optando a todo momento por alternativas, diante das condições e relações nas quais se está inserido, não tirando em nenhum momento a condição de liberdade e ao mesmo tempo a sua condição responsável diante de suas escolhas e atos.

SER “EM-SI” E SER “PARA-SI”

Entender a consciência do homem em sua materialização nas escolhas intencionais é necessário entender o que vem a ser, para Sartre, o ser “em-si” e para-si”. Este termo “em-si” é usada por ele para designar tudo que existe, exceto a consciência humana, que por ele é chamada de “para-si”, tudo que existe é resultado objetivo, é chamado de “em-si”, já quando se trata de uma representação não objetiva se designada pela consciência do homem é a parte denominada de “para-si” (SILVA, 2013)

Sabe-se já que o homem é livre e não poderia não ser. Assim, através da ação, o ser “para-si”, porque é consciente, precisa estabelecer relações com o mundo do “em-si”, visto que o ‘nada’ só pode ser o ‘nada de alguma coisa’. Logo, o mundo-objeto se conserva como fundo indispensável para a constituição ou ato da consciência. E, nesse sentido, o homem desprovido de

consciência busca preencher este nada que ele é. Em outros termos: o “em-si” faz parte da estrutura do “para-si”, infesta-o com a sua contingência original e insuprimível, enquanto que o “para-si” é o nada que invade o ser. Essa força nadificadora demonstra a capacidade dos seres humanos de se questionarem a respeito das coisas. E é, justamente, a partir do momento que os seres humanos se interrogam e podem fazer escolhas sobre as indagações que revela-se a liberdade pois homem é liberdade. (SILVA, 2013, p.05)

Para escolher é fundamental que tenha uma ação, em que o homem tenha a liberdade de escolher por si só, logo quando se trata de objeto “em-si” e quando se trata de consciência “para-si”, logo a consciência é intencional quando unida ao objeto.

A realidade humana é sofredora em seu ser, porque surge no ser como perpetuamente impregnada por uma totalidade de ela é sem poder sê-la, já que, precisamente, não poderia alcançar o Em-si sem perder-se como Para-si. (SARTRE, 1998, p. 141).

E a nadificação que surge a questão do para-si , para que se torne o em-si. Tornando assim o homem uma infinidade de possibilidades, surgindo assim a angustia dentro do ser humano o qual ele percebe que não está preparado para o que lhe foi reservado, aparecendo então este sentimento de angustia e conflito.

[...] por causa da transcendência, o Para-Si não é o que é, pois se coloca a distância de si enquanto Ser, pelo recuo nadificador. Mas, por causa da facticidade, o Para-Si também é o que não é, ou seja, tem de ser esse Ser que não é: embora me coloque à distância do Ser que sou, tenho de ser este Ser com o qual não coincido inteiramente. Não posso escolher-me Nada de outro Ser. (PERDIGÃO, 1995, p. 49- 50)

E nesta situação de ação que o homem se permite o para-si” e construir sua própria essência. A liberdade de se apoiar em seu nada, sem ao menos verificar outras possibilidades ou mesmo determinismo que produzem a recusa desta liberdade. A liberdade, portanto, vem da natureza intrínseca do homem, sendo assim a causa d sua própria escolha, para Satre (1998) “Mas a consciência não se transcende rumo a sua nadificação, não almeja perder-se no Em-si da identidade no limite de se transcender. É para o Para-si enquanto tal que o Para-si reivindica o ser-Em-si”, e a partir desta procura sobre a vida que se encontra com a realidade e com a subjetividade, pois o ser humano se torna insatisfeito por querer ir além de seus próprios limites. E Sartre (1998) aponta que “a realidade humana, é antes de tudo, seu próprio nada. Aquilo que nega ou nadifica a título de nadificado, resulta que o

sentido da realidade humana se constitui pelo si-como-ser-Em-si falado. ”, e mesmo do nada o ser humano se encontra no meio do mundo.

A condição, portanto, do homem ser livre, significa escolher, ou seja, e na escolha que se manifesta a realidade humana e a constitui como um projeto do mundo. Assim Sartre (1973) “ É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. “, onde a condenação à liberdade conduz o homem ao desespero e ansiedade:

[...] Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchamos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1998, p. 545).

A liberdade, portanto, se torna a maneira de o Para-si gerar seu modo de ser, onde o Para-si escolhe seu próprio modo de ser, escolhendo assim seu próprio sentido de mundo, onde se escolhe o mundo em seu significado, injetando assim um campo de possibilidades, se o homem tem que criar conceber seu modelo existencial, necessariamente a partir de possibilidades que ele se abre, diante do caráter proposital da consciência. Assim a liberdade na visão de Sartre a liberdade acontece de maneiras diversas abrindo vários horizontes.

Foi dito aqui que o Para-si não comporta aquela identidade consigo tal qual o ser Em-si o faz. Essa “falta” que o Para-si carrega em seu seio advém do fato de ele carecer de um fundamento sólido sobre o qual pudesse se apoiar. Sartre reivindica essa “falta de fundamento” ao Para-si a partir de sua concepção da realidade, a saber, a existência como contingência. Para o filósofo francês, o homem se descobre no mundo e a partir daí começa a procurar um sentido para o mesmo. No entanto, nosso autor irá recusar aquelas “explicações do mundo” que o apresentam como algo regido por leis “eternas” e imutáveis; ligado a uma “causa primeira” ou a uma divindade qualquer. É compreensível que o filósofo adote aqui essa perspectiva, uma vez que O Ser e o Nada (o farol principal da presente pesquisa) é um ensaio de ontologia fenomenológica. Nesse sentido, Sartre constrói todo seu discurso limitando-se a analisar os modos como o ser se nos dá, sem enveredar para as sendas de uma metafísica que viesse “dar conta” de toda a realidade. (SILVA, 2010, p.74)

Ao estudar o homem em sua ontologia, busca-se realizar e tonar um Ser Em-si-Para-sim, a fim de entender na filosofia a consciência dentro da condição humana.

[...] o ato que confere seu sentido à ação em particular que levo em consideração em dado momento: este ato constantemente renovado não se distingue de meu ser, é escolha de mim mesmo no mundo e, ao mesmo tempo, descoberta do mundo. (SARTRE, 1998, p. 569).

Assim a responsabilidade implica no poder do homem como centro de existência, sendo o homem autor da maioria das coisas e do seu intrínseco ser. O homem é um ser desde de quando nasce, carregando com consigo o peso do mundo, sem que alguém possa ajudá-lo a tornar mais leve.

Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação. (SARTRE, 1998, p. 681).

Assim a liberdade condiciona o homem, mesmo isento da sua vontade, mas isso não mostra que não seja admissível concretização da liberdade, ou seja, a negação, sem se importar se esta liberdade se mostre em uma criatividade original do autor.

Para Silva (2013):

O homem é livre, consciente disso, se angustia porque se vê compelido a escolher. A angústia da liberdade é angústia de optar, de fazer escolhas. Assim, Sartre, concebe o homem como angústia. O homem se dá conta de que ele não escolhe o que deve ser, mas é um ser que escolhe a si próprio e a humanidade inteira. Tendo então, grande responsabilidade sob sua própria situação existencial. A liberdade de escolha é a angústia de existir como projeto permanente rumo às próprias possibilidades, na construção do ser no mundo. Daí, a angústia ser a consciência da própria liberdade. Sartre explica que estamos condenados porque, sem diretrizes absolutas, devemos sofrer a agonia de nossa tomada de decisão e a angústia de suas consequências, afinal o homem é totalmente livre e, consequentemente, responsável por tudo aquilo que escolhe e faz. Não há, definitivamente, desculpas para ele. O sucesso ou fracasso de seus atos é de sua completa responsabilidade; não lhe é permitido, honestamente, culpar os outros ou as circunstâncias pelos seus atos, quaisquer que sejam eles. (SILVA, 2013, P.13)

Sartre diz que para cada escolha é importante que haja fundamento justificável que lhe de suportes, assim o homem é responsável pelas suas ações, e como criador dos valores, faz-se que constitua uma ética, justificando suas escolhas, que não estão livres de seus sofrimentos. (SILVA, 2013)

[...] o que se poderia chamar de moralidade cotidiana exclui a angústia ética. Há angústia ética quando me considero em minha relação original com os valores. Estes, com feito, são exigências que reclamam um fundamento. Mas fundamento que não poderia ser modo algum o ser, pois todo o valor que fundamentasse sua natureza ideal sobre seu próprio ser deixaria por isso de ser valor e realizaria a heteronomia de minha vontade. (SARTRE, 1998, p. 82).

A filosofia Sartreana está ligada a condição humana que como consciência e que a liberdade tem um gosto opressivo, tal opressão se dá pelo modo de o Para-si não ser a própria razão, tendo que responder pelo seu jeito de ser escolhido.

Portanto, tudo se passa como se eu estivesse coagido a ser responsável. Sou abandonado no mundo, não no sentido de que permanecesse desamparado e passivo em um universo hostil, tal como a tábua que flutua sobre a água, mas, ao contrário, no sentido de que me deparo subitamente sozinho e sem ajuda, comprometido em um mundo pelo qual sou inteiramente responsável, sem poder, por mais que tente, livrar-me um instante sequer desta responsabilidade, pois sou responsável até mesmo pelo meu próprio desejo de livrar-me das responsabilidades (Idem, p. 680, grifo do autor). O Para-si é “coagido” a ser livre mediante seu próprio modo de ser. Se o homem fosse uma engrenagem pré-determinada; se ele possuísse a priori uma “potência” a ser atualizada no mundo, enfim, se ele fosse um ser completamente “previsível”, talvez não fizesse muito sentido falar em liberdade e responsabilidade. Uma vez que o Para-si tem por estrutura originária de seu ser a transcendência (a “distância”, o “inacabamento”, a “intencionalidade”, a “não-coincidência consigo”), só lhe resta engendrar sua total liberdade e por ela responder inteiramente. Tal responsabilidade deve ser carregada pelo homem em todas as suas ações. A criação dos significados do mundo, inclusive dos valores vigentes na sociedade, está subordinada à responsabilidade humana. Eis o peso que a liberdade e a responsabilidade trazem em seu bojo. Eis o fardo que Sartre nos “convida” a levar sobre os ombros. (SILVA, 2010, p.88)

Assim, a consciência é intencional, então a ação também é intencional, dando assim uma visão de liberdade.

METODOLOGIA

O artigo será de procedimentos práticos de natureza bibliográfica acerca da temática sobre a questão da liberdade por Jean-Paul Sartre, onde o ser humano nasce livre para fazer suas escolhas, mas não deixando a sua responsabilidade por viver em sociedade, visando assim alcançar os objetivos de entendimento de como o homem opera em suas escolhas com responsabilidade, de como Sartre analisa esta questão, e como pode-se verificar esta visão nos dias atuais.

A pesquisa sendo de cunho teórico esta pautado em uma abordagem qualitativa, construída em teóricos como Isaque Jose Bueno, Luiz Anderson Morais Diaz e outros

que consideram, conforme Ludke e Andre (1995), Tamaio (2002, p.40) “O estudo qualitativo desenvolve-se numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível a realidade de forma complexa e contextualizada”, fazendo assim uma reflexão da liberdade na realidade humana, a responsabilidade, assim como a ética de maneira que se possa viver em sociedade, respeitando o diferente, o individual e coletivo, através da responsabilidade do homem em suas escolhas, como para Sartre conceituando a liberdade e responsabilidade, dois item indissociáveis, demonstrando que a liberdade humana é um aspecto constitucional da existência de cada ser humano, apresentando assim uma linguagem essencial e dialética entre a pesquisa empírica e a pratica em sala de aula, fazendo do estudo uma interpretação diante de autores que incorporam um conceito novo liberdade e assumindo com responsabilidade as consequências das escolhas e ações que cada um faz, sem encarregar responsabilidades a outros, sendo cada um responsável pelo ser humano que deseja e decidi ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste estudo, ressalta-se que o existencialismo tem sido tema de várias linhas filosóficas, onde tratam o indivíduo, suas escolhas e o os absurdos da vida humana em relação à compreensão das relações sociais, as escolhas e responsabilidades que delas decorrem.

Sobre a questão da liberdade e existência, a análise se deu a partir da obra ‘A Náusea’, mesmo sendo um romance, ela proporciona escritos para teatro com natureza filosófica, sendo estas obras foram de grande influência para a sociedade daquela época, abalada pela segunda guerra. A liberdade deve projetar as escolhas feitas pelo ser homem e, a partir delas, ele deve projetar seus valores.

Sobre as teorias de Sartre, o ser humano é obrigado a ser livre, sem determinismo e, qualquer tentativa de determinismo é considerada má-fé, ou seja, não podendo determinar as decisões que o ser humano toma, tudo que acontece na vida vem do passado e das escolhas feitas. A importância desta análise é refletir sobre a liberdade na sociedade atual, pensar nela é pensar em resgatar a dimensão da responsabilidade do ser humano.

Entender a consciência do homem em sua materialização nas escolhas intencionais é necessário entender o que vem a ser, para Sartre, o ser “em-si” e para-si”. E esta busca deve ser constante e os estudos não podem parar.

REFERENCIAS

ALMEIDA, A. F. **A questão da Liberdade na obra: Existencialismo é um Humanismo de Jean-Paul Sartre**, 2007, disponível em <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20060607103706.pdf> acesso em 05/09/2016

BARCFontaine; C.P.; Leo PESSINI; *et al.* **Bioética alguns desafios**. São Paulo: Edições Loyola, 2002

BOECHAT, N. C. **História e escassez em Jean-Paul Sartre**, São Paulo: EDUC: FAPESP, 2011.

BUENO, I. J. **Liberdade e Ética em Jean-Paul Sartre**. Porto Alegre. 2007. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2957/1/392133.pdf>> acesso em 15/08/2016

DIAZ, L. A. M. **Liberdade, humanismo e escrita em Jean-Paul Sartre**. São Paulo. 2014. Disponível em <http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/2014/288.pdf> acesso em 20/08/2016

LIMA, W. M. **Jean-Paul Sartre: educação e razão dialética**. Maceió: EDUFAL, 2004

MOUTINHO, L. D. S. **Sartre: Psicologia e fenomenologia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SARTRE, Jean-Paul, **As Palavras**. Tradução de J. Guinsburg. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril, 1973.

SILVA, M. V. B. **A concepção de liberdade em Sartre**. Vol.6, n.1, 2013.
Disponível em:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>
>. Acesso em 15 jul/2017

SILVA, P.C.G. **O conceito de Liberdade em o ser e o nada de Jean-Paul Sartre**.
Dissertação de Mestrado. 2010.
Disponível em:
[http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16480/1/PauloCGS_DISSE
RT.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/16480/1/PauloCGS_DISSE
RT.pdf)>. Acesso em 05 agos/2017

TAMAIÓ, I. **O professor na construção do conceito e natureza: uma experiência de educação ambiental**. São Paulo: Annablumme, 2002.

YAZBEK, A. C. **Cadernos de ética e filosofia política**. 7, 2/2005, p. 141-164.
Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp7/yazbek.pdf>. Consultado em 06 jul/2017